

ESTUDO SOBRE PRÁTICAS EDUCADORAS ENTRE ESCOLA-COMUNIDADE NAS SENDAS POPULARES E DESCOLONIAIS

ÁLVARO VEIGA JÚNIOR¹; Orientadora DR^a ALINE ACCORSSI ²

¹ Universidade Federal de Pelotas - avj.pedagogia@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A motivação desta pesquisa parte da busca de aprofundamento da minha experiência de professor-pesquisador na práxis pedagógica da educação popular e problematizadora, em diferentes espaços sociais. O campo empírico abrange práticas de trabalhadoras da educação que atuem também em práticas comunitárias. A ideia é abordar o movimento entre duas dimensões diferentes como processo relacional da escola com ações comunitárias.

Cogito na seguinte hipótese: por exercerem suas vidas sociais para além da escola, de seu círculo familiar e de amizades provavelmente trabalhadoras assim tenham percepções férteis e complexas sobre a educação, especialmente sobre os sentidos culturais, políticos e epistemológicos relacionados aos processos formativos. Possivelmente, ainda, estas colaboradoras da pesquisa procurem resistir e transformar a sociedade por acreditarem na solidariedade e realizem práticas inclusivas considerando os problemas das minorias sociais. Muitas delas talvez sejam identificadas e sofram discriminação devido aos marcadores sociais de gênero, raça, classe social, idade e outros.

Esta pesquisa se situa na área da Educação na linha de pesquisa intitulada “Epistemologias Descoloniais, Educação Transgressora e Práticas de Transformação”. Objetiva investigar práticas críticas e solidárias em educação envolvendo a escola e comunidades, articulando as dimensões culturais, políticas e epistemológicas na construção de caminhos descoloniais e populares. Objetiva mais especificamente experienciar a ecologia de saberes, a ecologia das temporalidades e a ecologia dos reconhecimentos com as trabalhadoras da educação. O referencial teórico busca aumentar a presença da diversidade de expressões, saberes e posicionamentos na produção científica educacional. Contudo, não se trata apenas de ocupar espaços e tempos da ciência e sim qualificar seus conhecimentos e culturas ao reconhecer epistemes que foram oprimidas e, claro, silenciadas (SANTOS, 2006; 2007). Se as ciências humanas e sociais foram inferiorizadas pelas ciências naturais sob o eurocentrismo, a educação também sofreu esta inferiorização entre as inferiorizadas, e claro, em decorrência, as educadoras. Muito se praticou o método universal, se discursou neutralidade e a objetificação do Outro.

Também não se trata de uma intenção representativa, mas sim criar práticas de diálogo inclusivo movimentando a práxis educacional para produzir conhecimentos e saberes que possam emancipar sujeitos em direção à transformação social (FREIRE, 1992, 1996, 2000; BRANDÃO, 2003). A politicidade democrática compensatória se dirige à esquerda, contra o capitalismo neoliberal, o neoconservadorismo e o colonialismo.

O estudo inicia suas referências e procura dialogar com os principais trabalhos de autoras, grupos de pesquisa que são reconhecidos na filosofia e epistemologia da educação. Compõe seu universo referencial em aproximação crítico-compreensiva com abordagens de pesquisa culturais e descoloniais, na tradição das metodologias qualitativas a partir das ciências humanas e sociais,

buscando superar as dicotomias de fronteira com as ciências exatas e naturais (SANTOS, 1989, 2003; GAMBOA, 2002).

O pensamento descolonial não assume uma horizontalidade entre as culturas, mas uma posição crítica sobre a relação vertical na qual o ocidente esteve do lado dominante. O pensamento descolonial seria uma subversão interna do lado subordinado. Trata-se de romper com os discursos de pureza fundamentalistas eurocentristas para descolonizar o imaginário e poder pensar em alternativas possíveis mais justas ao sistema-mundo moderno/colonial (GROSFOGUEL, 2012, p. 355).

Nessa mesma linha do pensamento descolonial, Boaventura vem trabalhando com o conceito de “Epistemologia do Sul”. O autor propõe este conceito no sentido de uma outra racionalidade, mais abrangente, capaz de valorizar a diversidade da experiência social em todo o mundo. O ‘Sul’ não é apenas um conceito geográfico e, sim, uma categoria sócio-política relativa aos países, regiões, segmentos, grupos que sofrem processos de exclusão, opressão e discriminação. O ‘Sul’ é uma metáfora das desigualdades sociais produzidas historicamente. Para o sociólogo português a epistemologia do sul assenta-se em uma tripla orientação: “aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul” (SANTOS, 2007).

Adiante, no referido contexto, a Epistemologia do Sul, faz um contraponto a uma epistemologia eurocêntrica dominante e universalizante que defende interesses imperiais (capitalistas, racistas, patriarcas), mas evita generalizar, ao considerar que a ciência moderna não é um mal incondicional nem um bem incondicional, ela própria é diversa internamente. Na proposição do autor, o ‘Sul’ deve ser entendido metaforicamente, devido ao desafio da necessidade de reparar os danos e impactos causados pelo capitalismo e a colonização dos povos. Também é importante destacar a sobreposição entre norte e sul, quando nos dois polos existem sistemas hierárquicos de opressão, mesmo sendo o norte o polo colonizador. Nesta proposição da epistemologia do sul, foi desenvolvida também uma reflexão sobre o pensamento moderno ocidental, capitalista burguês, racista e patriarcal, caracterizando-o como linha abissal.

Para ‘superar’ os abismos podemos pensar a partir das ecologias dos saberes que seria um pensamento pós-abissal, uma valorização de outros saberes e a produção de outras epistemologias não hegemônicas, como por exemplo, as epistemologias feministas interseccionais e saberes dos povos originários.

Nesse sentido, precisamos conhecer o processo histórico de colonização. Para tal, o pesquisador peruano Anibal Quijano (2005), propõe o conceito de colonialidade. Esta constitui um padrão mundial do poder capitalista, se sustenta numa classificação racial/étnica da população, opera nos planos materiais, sociais e subjetivos. Este autor ainda faz uma distinção entre colonialidade e colonialismo, mostrando que o colonialismo se vincula as práticas de dominação/exploração, mas nem sempre implica relações racistas de poder, como é o caso da colonialidade. As relações entre colonialismo, racismo, patriarcado, capitalismo que produziram e produz a colonialidade são encontrados em uma análise mais profunda em QUIJANO (2005), CURRIEL (2007); MIGNOLO (2008), LUGONES (2014), GROSFOGUEL (2012). Em todos estes autores há uma tentativa de explicar a colonialidade.

Como alternativas ao neoliberalismo e a globalização monocultural autodestrutiva, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos se baseou nos movimentos sociais e lutas contra esta hegemonia, formulando a sociologia das ausências e das emergências (SANTOS, 2006). A tradição ocidental moderna

desconsiderou preconceitosamente a experiência de diversos povos. O que não desperdiçou se apropriou. Tornou sua compreensão de mundo unívoca, soberba e onipotente. Nesse sentido é necessário resgatar e valorizar esta diversidade, reconhecer a pluralidade de identidades. Nas palavras de Boaventura: “Como a razão metonímica formou as ciências sociais convencionais, a sociologia das ausências é necessariamente transgressiva” (SANTOS, 2006, p.790). Transgredir partindo de um entendimento de sociedade, a educação pode ensinar a não cumprir ou atravessar os cânones de origem injusta. Porém uma transgressão que não signifique uma ruptura sem horizontes, mas para que possa emergir sob as ruínas do paradigma dominante. De acordo com o autor:

A sociologia das emergências consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear (um vazio que tanto é tudo como é nada) por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que se vão construindo no presente através de atividades de cuidado (SANTOS, 2006, p.794). No processo argumentativo busco aportes na teorização social contemporânea, que suspeita dos unitários modelos explicativos da realidade, das certezas, verdades neutras e fundações históricas, caracterizadoras centrais da modernidade. Já em sua origem, a investigação se dispõe ativamente a novos aportes teóricos e achados de pesquisa, de modo aberto não vertical e axial.

Entendo que o pensamento descolonial, não pareceria às colaboradoras como mais uma teoria do além mar, mas sim uma mundivisão que lhes diz respeito e faça sentido ao compreenderem a sua história silenciada frente à história evolutiva linear etnocêntrica. Que suas subjetividades, culturas e saberes sejam reconhecidos e diálogos-dialetizados para se apropriar dos conhecimentos do colonizador. E assim, investir num projeto de mundo que reconheça as diferenças e promova a igualdade de maneira prudente, precavida e sustentável.

2. METODOLOGIA

O pensamento descolonial, não pretende ser mais uma teoria do além mar, mas sim uma mundivisão que faça sentido para uma história silenciada frente à história evolutiva linear etnocêntrica. Na qual subjetividades, culturas e saberes sejam reconhecidos e diálogos-dialetizados para se apropriar dos conhecimentos do colonizador. E assim, investir num projeto de mundo que reconheça as diferenças e promova a igualdade de maneira prudente, precavida e sustentável.

Para contextualizar melhor a cosmovisão do estudo, consideremos três dimensões: epistemológica, ontológica e axiológica, que se justapõem relacionando-se na gênese da produção de conhecimentos. Desta maneira, a pesquisa em educação é movida por interações com as referidas dimensões (DENZIN e LINCOLN, 2006). Nas interações entre diferentes esferas sociais, das individualidades ao coletivo, na possibilidade de intercâmbios de pessoas ou coletivos solidários a ação de pesquisar é formativa para o pesquisador e colaboradoras de estudo. Construtivamente, podendo incrementar o grau de coerência entre as relações intersubjetivas, valorizando o tempo presente na participação cultural, política e histórica da composição do mundo. Entendo a educação em sua científicidade política e cultural. Assim, o processo de aprendizagem e ensino tem sua metodologia forte na construção do conhecimento e das culturas e isso se faz com pesquisa epistemológica relativa à práxis político-pedagógica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Invisto na importância de teorizar para me relacionar com as colaboradoras, não como instrumentação hierarquizadora, mas como forma de qualificar a compreensão do conjunto envolvido nas etapas do processo. A pesquisa se encaminha para a realização de disciplinas, aprofundamento teórico, discussões nos grupos de pesquisa, eventos de debate e circulação de saberes, publicações e para a sua qualificação.

4. CONCLUSÕES

O desejo que tem movimentado esta pesquisa vem a ser criar uma tese tributária de uma outra tradição epistemológica, uma epistemologia do sul, descolonial, comprehensiva, complexa-sistêmica e de circularidade dialógica. Fundamenta-se no tensionamento e aproximações de inúmeros fatores e varáveis que compõem um campo delimitado, ciente da totalidade inapreensível em relação às partes, da metodologia das pesquisas humanas e sociais em ciências da educação. Se potencializa e procura qualificar a percepção sensível, ética-estética, da realidade. Em interação com sua colaboradoras pretende trabalhar para produzir teorização tributária de outra tradição, mas ao mesmo tempo, comprehensiva, propositiva e experimentadora, que considera a historicidade e os avanços da ciência em diálogo com os conhecimentos tradicionais, sendo eles, familiares e comunitários, locais ou globais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**. SP: Cortez, 2003.
- CURIEL, Ochy. **Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista**. Universidad Central Colômbia. 2007.
- DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens**. RS: Artmed, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. SP: Editora UNESP, 2000.
- GAMBOA, Sílvio Sanchez. **Quantidade-Qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica**. In GAMBOA, Sílvio Sanchez; 2002.
- GROSFOGUEL, Ramón. **Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial**. In: Dossiê Saberes Subalternos Contemporânea. v. 2, n. 2. 2012.
- LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas: UFSC, 2014.
- MIGNOLO, Walter. **Novas reflexões sobre a “idéia da América Latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial**. Caderno CRH, Salvador, 2008.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- SANTOS, Boaventura Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre a ciências revisitado**. SP: Cortez, 2006.
- _____. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência**. SP: Cortez, 2007.